

CRÓNICAS III - Crónicas Bibliográficas

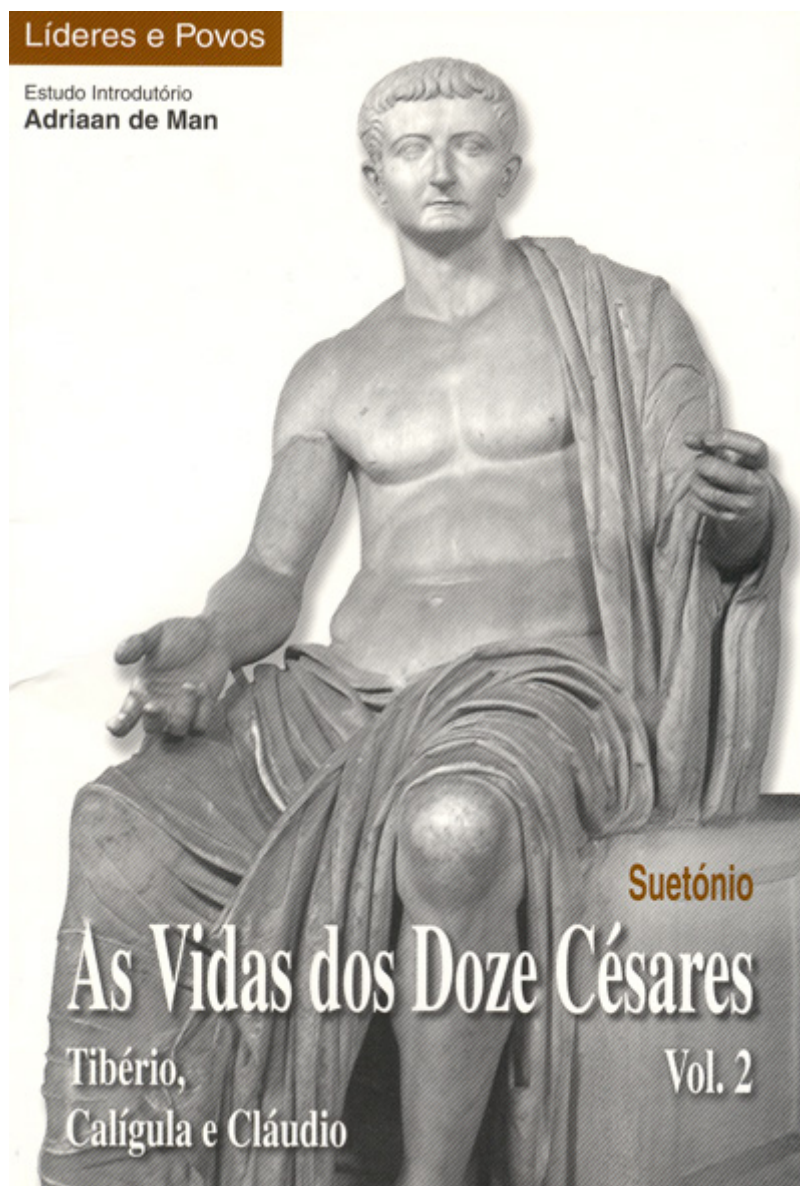
Major-general
Adelino de Matos Coelho



Coronel
António de Oliveira Pena



A Vida dos Doze Césares - Volume 2 (Tibério, Calígula e Cláudio)



No Nº 6/7 da Revista Militar - Junho/Julho de 2005 (pp. 739-741), apresentámos a crónica bibliográfica do primeiro volume da obra A Vida dos Doze Césares (Júlio César e Octávio César Augusto). Neste número temos o grato prazer de analisar o segundo volume desta obra de Gaius Suetonius Tranquillus (Suetónio), numa tradução de Adriaan de Man, que inclui a biografia de três imperadores romanos: Tibério, Calígula e Cláudio.

Tal como o anterior, este volume apresenta uma boa organização, com um estudo introdutório, acompanhado de uma bibliografia de apoio, de uma cronologia e uma árvore genealógica dos três imperadores romanos biografados.

Tibério e seu irmão Druso, de família aristocrática romana, eram filhos de Tiberius Claudius Nero e de Lívia Drusila. A sua mãe separou-se do pai, enquanto ele e o irmão eram bastante jovens, para casar com o imperador Augusto, que o adoptou como filho e o nomeou seu sucessor. À medida que foi crescendo, Augusto confiou-lhe tarefas de maior

responsabilidade, fazendo dele general das legiões da Germânia Inferior, mas as relações familiares atribuladas lavaram-no a isolar-se em Rhodes, sob o pretexto de querer estudar retórica, o que constituiu um afronta para o pai adoptivo.

Anos mais tarde, Tibério sucedeu no trono imperial, com o nome de Tibério César Augusto. Mas, pouco tempo depois da subida ao trono, as diversas vicissitudes políticas revelaram a sua natureza instável e conflituosa, com uma vida pessoal intrincada e de costumes duvidosos. Porém, foi um grande administrador, tendo multiplicado em muito o dinheiro deixado por Augusto e tendo preservado a “Pax Romana”. Após a sua morte o império foi administrado pelo seu sobrinho-neto Gaio César Germânico (Calígula) e pelo neto Tibério Gemelo.

Algum tempo depois, Calígula (cognome que lhe foi inculcado, desde miúdo, pelos soldados, no seio dos quais foi educado) manda matar o primo, tornando-se no único imperador, a quem passaram a ser conhecidas grandes ambições, natureza cruel e viciosa.

Recuperado de uma doença grave, quase mortal, resultante de febre cerebral, mudou o seu comportamento, chegando a inflamar os corações dos romanos com actos afectivos, de alguma demagogia. No entanto, mais tarde, Calígula retomou o terror das perseguições, com atitudes extravagantes e monstruosas, sem qualquer pudor, que incluíram o insulto público das irmãs e das várias mulheres com quem casou, retirar estátuas de heróis e ilustres romanos e esculpir a sua cabeça nas estátuas de deuses de Roma, intitulado-se como um deus, o que o tornou impopular.

Pouco culto, mas autor e decisor de crimes monstruosos, retirou aos cidadãos mais nobres distinções ancestrais, esgotou os seus recursos, o que o fez recorrer a actos de rapina e a formas engenhosas de ludíbrio, leilões e impostos, chegando a vender jóias e mobiliário por preços exorbitantes. Como chefe militar demonstrou falta de senso e de liderança - “as suas vestes, o seu calçado e a sua postura nunca foram dignos de um Romano, de um cidadão, nem sequer de um homem, em suma de um ser humano” - acabando por morrer assassinado por um membro da sua guarda pessoal, tendo a sua memória sido apagada pelo Senado.

Tibério Cláudio Nero César Druso era filho de Nero Cláudio Druso e Antónia Minor, neto de Livia Drusa. Desde a nascença que Cláudio sofreu de deficiências físicas que o tornaram coxo e com dificuldades de comunicação, gaguejando fortemente e adormecendo com frequência, a qualquer momento do dia. Talvez por isso, nunca tenha sido levado a sério como possível general ou imperador, escapando à “limpeza” na família imperial romana levada a cabo pelos seus antecessores, Tibério e Calígula. Apesar disso, era um homem muito culto, evidenciando paixão pelo estudo da literatura grega. A sua saúde melhorou depois de se tornar imperador.

Tendo ficado apavorado com o assassinato de Calígula, aos cinquenta anos de idade chegou ao cargo de imperador, após o que tentou apagar a má imagem do seu antecessor, mandou executar os assassinos de Gaio César e dedicou-se à família. Apesar

disso, casou quatro vezes, mas em nenhum dos casamentos foi feliz. As duas primeiras mulheres foram repudiadas e Messalina foi executada por traição, adultério, libertinagem e acusação de conspiração. De Messalina, Cláudio teve os seus dois únicos filhos.

O seu reinado não foi livre de assassínios e perseguições políticas, apesar do tom geral ser bastante mais calmo que o dos seus antecessores, embora demonstrasse uma “natureza feroz e sanguinária”. Economicamente, Roma recuperou depois dos excessos de Calígula, tendo empreendido grandes obras públicas, tal como a expansão do porto de Ostia. Conquistou as Ilhas Britânicas, criando a província romana da Britânia, em cuja invasão tomou parte, acrescentando Britannicus aos nomes de seu filho, para indicar a posse romana da nova região. Restabeleceu ou instituiu diversos hábitos relativos às cerimónias religiosas, aos costumes civis ou militares, tornando, igualmente, permanente a actividade dos tribunais.

Para o fim da vida, Cláudio tornou-se bastante permeável à influência de Agripina, a sua quarta mulher. Por sua indicação deserdou o seu próprio filho e nomeou o enteado Nero como sucessor. O facto de ter morrido de repente pouco depois desta troca de sucessor, leva muitos historiadores a pensar na hipótese de envenenamento pela mulher. A sua morte foi mantida em segredo “até serem tomadas todas as providências para assegurar um sucessor.

Aguarda-se a publicação da vida dos restantes Sete Césares que nos trarão mais elementos esclarecedores dos momentos de glória ou de derrota de Roma.

Mais uma vez, a Revista Militar felicita a edição deste clássico da literatura universal, que recomenda, vivamente, agradecendo a oferta da publicação aqui comentada.

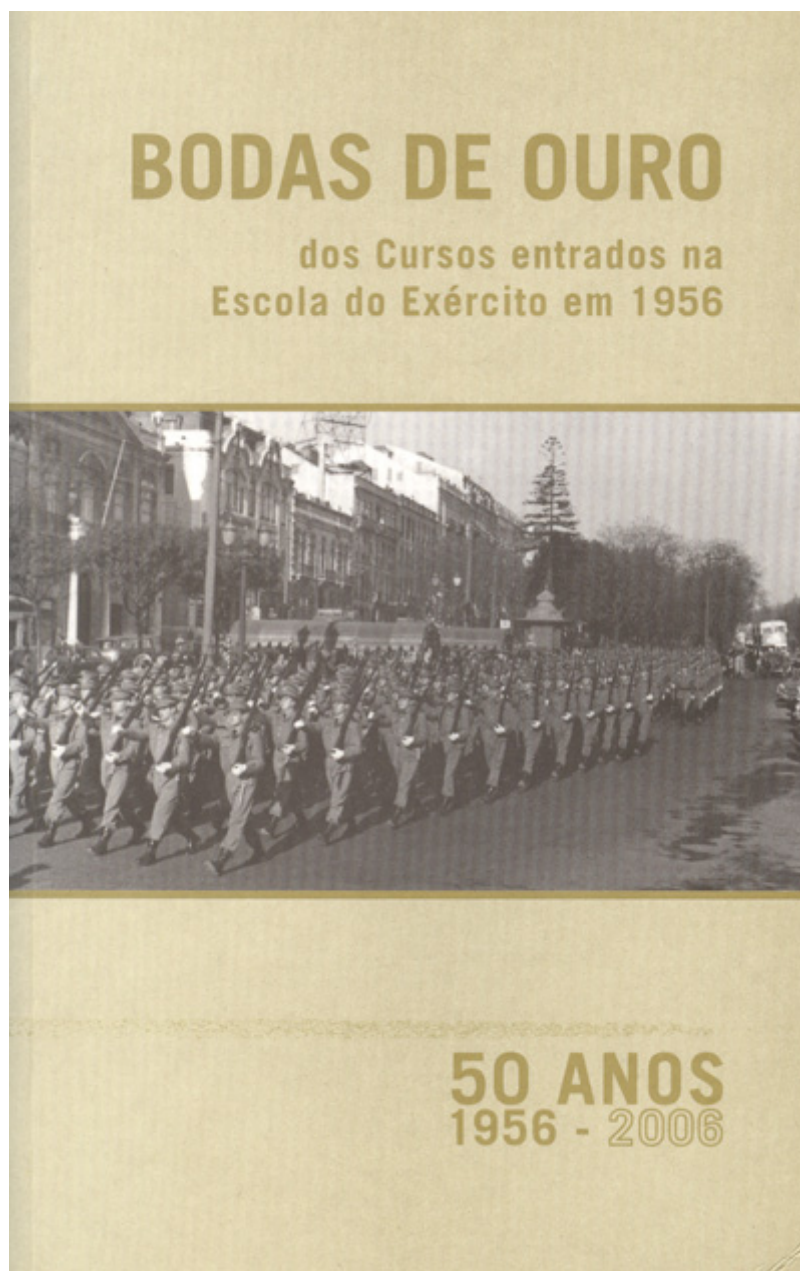
Major-General Adelino de Matos Coelho
Sócio Efectivo da Revista Militar

BODAS DE OURO

dos Cursos entrados na Escola do Exército em 1956

50 ANOS

1956-2006



Os jovens que em 1956 ingressaram na **Escola do Exército** comemoraram as suas *Bodas de Ouro* no dia 24 de Novembro de 2006 no quartel da Academia Militar (Amadora).

Para valorizar o evento cunhou-se uma Medalha Comemorativa e editou-se o livro **BODAS DE OURO** onde constam biografias de todos, indicação de obras que publicaram, *historietas* de tempos idos, curiosidades, destaques e estatísticas.

Em 1956 entraram 193 alunos dos quais 154 foram oficiais da Armada, Exército, Força Aérea e Forças de Segurança, tendo 20 atingido postos de Oficial-General dos quais dois Chefes de Estado-Maior do Exército [Rocha Vieira (14Jul76 a 04Abr78) exercendo o cargo como General Graduado (seria nesse período TCor/Coronel) e António Barrento (19Mar98 a 19Mar01)].

O livro não trabalha aspectos estatísticos completos, mas a partir do estudo das biografias pode concluir-se que o conjunto cumpriu mais de quinhentas missões no Ultramar, de que resultaram como principais condecorações, duas medalhas de Valor Militar e dezoito de Cruz de Guerra. No âmbito da cultura, da ciência, da gestão e do desporto, o curso apresenta *forte* representação, nomeadamente o escultor, Coronel José Nuncio, colaborador da Revista Militar em diversas ocasiões (falecido em 2006), o músico e importante divulgador de jazz José Duarte, o cavaleiro olímpico Coronel Vasco Ramires e quatro Sócios Efectivos da Revista Militar.

O trabalho realizado merece ser apontado como exemplo a seguir para elucidar a sociedade civil sobre os méritos dos oficiais do Exército da geração em análise. Como refere *A Comissão Organizadora*, a obra “ (...) *pretende sintetizar o que fomos, o que fizemos e onde chegámos, pessoal e profissionalmente, através de breves sínteses biográficas.*”

Para terminar esta nota sobre o **BODAS DE OURO** transcreve-se do *Prefácio* da autoria do 48/187, General do Exército António Eduardo Queiroz Martins Barrento, Presidente da Assembleia-Geral da Empresa da Revista Militar, “*Todos os cursos falam de si como de uma **geração**. A maior parte não passa de intervalos entre gerações. Não é o nosso caso.*”

Nós vivemos intensamente grandes mutações e anos difíceis. Fomos mais actores que espectadores. Gastámos as botas, nos trilhos de África, em várias comissões militares. Conhecemos a Índia, a África e o Oriente. Vivemos a paz e fizemos a guerra. Vivemos o golpe de estado, a tentativa de revolução e a procura da democracia. Vivemos o fim do Império e a tentativa de novos rumos. Vivemos tudo isto intensamente. Temos uma experiência riquíssima e rara.”

A Revista Militar agradece ao Coronel de Artilharia, Secretário da Assembleia-Geral da Empresa, Alberto Ribeiro Soares, coordenador geral do *Livro sobre o Curso*, o exemplar enviado onde inscreveu a dedicatória, “*Para a Revista Militar, cujo acervo bibliográfico, já de si muito valioso, espero fique enriquecido com este modesto trabalho.*”

Coronel António de Oliveira Pena
Director-Gerente do Executivo da Direcção